

O PROBLEMA DO HIPERTEXTO: METÁFORA OU TIPO TEXTUAL?

THE HYPERTEXT PROBLEM: METAPHOR OR TEXTUAL TYPE?

Marcos de Araújo Nascimento

Mestre em Linguística pelo PPGL da PUCRS, orientado neste artigo pela professora Dr. Vera Wannmacher Pereira, na disciplina de Psicolinguística: Fundamentos e Interfaces.

RESUMO

O presente artigo é resultado de um estudo desenvolvido na disciplina de “Psicolinguística: Fundamentos e Interfaces”, do PPGL-PUCRS, ministrada pela professora Dr. Vera Wannmacher Pereira. Aqui exponho os resultados obtidos de uma revisão bibliográfica sobre o uso do termo “hipertexto”. Em sua origem, ele é usado para fazer referência a uma metáfora do pensamento, segundo seu criador Theodor Nelson, baseado na ideia de um modelo de pensamento não linear concebido por Wannevar Bush em julho de 1945 com a publicação de seu artigo “As We May Think”, na *Atlantic Monthly*. Hoje o termo é muito utilizado para nomear textos em ambientes digitais com características multimodais e multilineares, afastando-se de seu caráter original de designar uma maneira não linear de pensar, inspirada pela mente humana e muito evidenciada nas leituras em ambiente digital. Nosso objetivo é analisar melhor o uso desse termo e verificar em que momento seu uso passou a designar um tipo de texto vinculado ao ambiente digital das telas.

Palavras-chave: Hipertexto. Psicolinguística. Leitura. Navegação. Texto.

ABSTRACT

The present article is the result of a study developed in the discipline of “Psycholinguistics: Fundamentos e Interfaces”, from the PPGL-PUCRS, taught by Dr. Vera Wannmacher Pereira. Here I present the results obtained from a bibliographic review on the use of the term “hypertext”. In its origin, it is used to refer to a metaphor of thought, according to its creator Theodor Nelson, based on the idea of a model of non-linear thinking conceived by Wannevar Bush in July 1945 with the publication of his article “As We May Think” at Atlantic Monthly. Today the term is widely used to name texts in digital environments with multimodal and multilinearity characteristics, moving away from its original character of designating a nonlinear way of thinking, inspired by the human mind and much evidenced in the readings in digital environment. Our goal is to better analyze the use of this term and to verify at what time its use has come to designate a type of text linked to the digital environment of the screens.

Keywords: Hypertext. Psycholinguistics. Reading. Navigation. Text.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende levantar uma questão que julgamos importante sobre o uso do termo hipertexto, tendo como base sua concepção como metáfora do pensamento humano. Nosso estudo apresenta duas utilizações diferentes quanto ao uso do termo hipertexto. Em sua origem, o hipertexto remetia a uma metáfora sobre o pensamento humano, uma forma não linear de pensar, mas em alguns estudos acadêmicos, que serão apresentados aqui posteriormente, o termo aparece como tipo textual vinculado ao ambiente digital, ou suporte eletrônico. Objetivamos trazer à tona esses diferentes usos e tentar identificar como o termo hipertexto é utilizado em cada uso apresentado.

2 UM BREVE RETROSPECTO: VÍDEOS, IMAGENS, TEXTOS E SONS

Quando Wannevar Bush propôs o dispositivo conhecido como MEMEX, com o objetivo de armazenar informações e acessá-las posteriormente, o objetivo era criar uma forma de ampliar a memória, transpor a limitação que temos em armazenar grandes informações com total precisão, acessar um vídeo em sua íntegra, por exemplo, trazendo-o mais uma vez ao olhar. Desde o começo houve a intenção de armazenar as informações com o intuito de acessá-las posteriormente pelo usuário. (HIPERTEXTO, [s.d.]).

As informações armazenadas deveriam ser de rápido acesso, mais uma vez endossando a característica inspirada pela própria mente, que é capaz de ser rápida com normalidade. Embora hoje o hipertexto seja estudado, mencionado e utilizado em larga escala pelo viés digital e não digital, ele nasceu do MEMEX, e este dispositivo teve como referencial a mente. O termo hipertexto surgiu posteriormente nos estudos de Nelson, em 1964, e publicados em 1965; o termo foi devidamente nomeado por ele e permanece como o conhecemos. A partir da ideia de unir informações não só textuais, mas também auditivas e com vídeo, pôde-se

vislumbrar palidamente, mas ainda assim notoriamente, o hipertexto em ambiente digital que temos hoje. Nelson (1992 apud HIPERTEXTO, [s.d.]) o descreve assim: “um conceito unificado de ideias e de dados interconectados, de tal modo que estes dados possam ser editados em computador. Desta forma, tratar-se-ia de uma instância que põe em evidência não só um sistema de organização de dados, como também um modo de pensar”.

A metáfora do pensamento passa a ser o sinônimo de um texto em ambiente digital pelo fato de ser uma menção ao modelo inicial, mas não o próprio sistema criado, que se chamava MEMEX. Acessar e manusear vídeos, sons, imagens e textos escritos é basicamente a essência do hipertexto como o encontramos na tela de nossos computadores. O computador pessoal de hoje é a materialização e popularização do antigo MEMEX, facilitando nossas vidas ao agregar tantos tipos de conteúdo e amplificá-los, compartilhando-os através da rede mundial de computadores, na qual os nossos computadores estão hoje inseridos. (HIPERTEXTO, [s.d.]).

Quando Nelson cunhou o termo hipertexto e apresentou o projeto XANADU, ele maximizou a ideia inicial de armazenar e acessar informações, já que não seria apenas um dispositivo único que poderia fazer circular essas informações, mas toda uma rede de dados. Sendo assim foi concebido um projeto de rede de informações que simulava o que a mente faz e uma rede de conexões que permitiria que essas informações fossem acessadas por mais pessoas em lugares diferentes. É bem mais evidente a similaridade, então, com a internet que usamos atualmente, mais amplificada e versátil, por causa dos avanços das máquinas e do número crescente de informações colocadas em circulação por essa grande rede. (HIPERTEXTO, [s.d.]).

3 A MEMÓRIA

O conceito de memória tem fundamental importância neste trabalho, visto que inicialmente a criação do tremendo banco

de dados que era o MEMEX era a ampliação e solução de problemas com a capacidade da memória.

Aqui nos valem dos tipos de memória propostos por Izquierdo (2006, p. 293):

- memória de trabalho ou operacional: “... é a que usamos para entender a realidade que nos cerca e poder efetivamente formar ou evocar outras formas de memória.” [...]; não produz arquivos, pois as informações desaparecem em segundos ou, no máximo, minutos. A memória de trabalho é o instrumento que possuímos para analisar a realidade, e seu funcionamento é constante, mas é, por sua definição, fugaz. O esquecimento rápido é sua propriedade fundamental;
- memória de curta duração: é a memória que dura no máximo seis horas, o suficiente para que se possa formar a memória de longa duração. A memória de curta duração serve apenas para manter a informação disponível durante o tempo que requer a memória de longa duração para ser construída. Serve ao propósito de um albergue provisório para a informação que depois poderá ou não ser armazenada como memória mais estável ou permanente; corresponde ao que [...] denominava memória primária;
- memória de longa duração ou remota: essa memória demora horas para ser construída e pode durar anos, ou décadas. A maioria de nossas memórias de longo prazo tem uma carga emocional agregada, pois [...], nós gravamos melhor, e temos uma tendência muito menor a esquecer as memórias de alto conteúdo emocional.”

A memória de curta duração e a de trabalho parecem ser as mais envolvidas na maioria das navegações cotidianas. Nas leituras digitais estamos expostos a uma quantidade grande de informações e possibilidades, que nos permitem um número grande de inferências rápidas e muitas vezes ambíguas. Os *links* podem nos levar a até usos bem diferentes de certos termos ou a uma referência sobre seus conceitos. O hipertexto tornou-se mais evidente nesse tipo de ambiente que o computador trouxe.

4 O HIPERTEXTO SOMENTE NO COMPUTADOR?

Pela similaridade com o dispositivo inicial apresentado por Bush é que os computadores atuais surgem como o espaço necessário para que o hipertexto apareça como a ele pertencente, como defende Xavier (2005) quando fala sobre uma nova conjuntura mundial que nos impõe um novo formato de texto irregular

onde os discursos se hipertextualizam: “Refiro-me ao hipertexto – protocolo oficial desta Tecnocracia – que, com todas suas idiossincrasias, nos coloca como desafio de uma, no mínimo, diferente forma de abordar os materiais legíveis e, por conseguinte, interpretar o mundo.” (XAVIER, 2005, p. 170). Ao afirmar como protocolo oficial desta Tecnocracia, ele ancora o hipertexto ao ambiente da tecnologia digital dos computadores.

O verbete que aparece no *Hypertext/Hypermedia Handbook*, de Berk e Devlin (1991 *apud* KOCH, 2007) também restringe o hipertexto ao ambiente digital das telas de computador:

Hipertexto: a tecnologia de leitura e escrita não sequenciais. O termo hipertexto refere-se a uma técnica, uma estrutura de dados e uma interface de usuário. [...] Um hipertexto (ou hiperdocumento) é uma coleção de textos, imagens e sons – nós – ligados por atalhos eletrônicos para formar um sistema cuja existência depende do computador. O usuário/leitor caminha de um nó para outro, seguindo atalhos estabelecidos ou criando outros novos.

A opinião de que há hipertexto fora das telas é comungada por estudiosos como Carla Coscarelli que afirma: “Segundo os estudos de abordagem cognitiva, todo e qualquer texto é não linear e, por isso, toda leitura é hipertextual” (COSCARELLI, 1999).

Para esta reflexão voltada à metáfora do pensamento, ideia inicial de hipertexto, preferimos compartilhar da opinião de Coscarelli. A leitura pode ser guiada por objetivos de leitura, mas o leitor possui liberdade para manusear o seu texto conforme seu desejo e desistir de seguir a linearidade proposta nos textos em suporte de papel, por exemplo. Mas acreditamos que também é necessário verificar que o hipertexto, como é apresentado na visão do ambiente digital, o torna único em sua amplitude. Conectados à rede mundial de computadores, os leitores estão como às margens de um oceano de informações onde o terminal de computador é seu passaporte para os mais diversos caminhos de leitura, que já se inicia no momento em que ele acessa o dispositivo em rede. Constatar que o hipertexto, como acreditamos, seja uma maneira de ler com in-

finitas possibilidades, está melhor servido no ambiente digital não é uma tarefa difícil, basta olhar em volta e comparar o número de pessoas que está efetuando algum tipo de leitura conectadas à rede com quem está nas bibliotecas lendo em suporte de papel ou mesmo em casa.

4.1 Da natureza do Hipertexto e suas características

Marcuschi apresentou em seu artigo “Linearização, Cognição E Referência: O Desafio do Hipertexto” aspectos que mostram suas características. Aqui consideramos um momento importante dos estudos sobre o hipertexto, pois, partindo do conceito de metáfora do pensamento, agora é apresentado de fato um tipo de texto. Ele primeiramente fornece a nós três questões iniciais antes de caracterizar o hipertexto, essas questões são:

- (a) O hipertexto é um texto, já que se trata de uma produção virtual?
- (b) Trata-se de um gênero textual, já que não tem uma superestrutura definida, no sentido de van Dijk (1980)? “O texto é, em primeira instância, uma unidade estruturalmente organizada a partir de estruturas de menor expressão que, em conjunto, resultam em um produto linguístico amplo, orientado por uma sintaxe global.” (VAN DIJK 2002)
- (c) O hipertexto é apenas uma tecnologia de aplicação para ligação de muitos textos prévios ou é simultaneamente uma tecnologia e uma técnica de produção textual? (MARCUSCHI, 2006, p. 2).

As características apresentadas por ele são: não-linearidade, volatilidade, topografia, fragmentariedade, acessibilidade ilimitada, multissêmica, interatividade e iteratividade (MARCUSCHI, 2006). Essas características estão todas engendradas à ideia de hipertexto como um tipo de texto construído a partir das possibilidades do que chamarei de “hipertexto primitivo”, que seria o hipertexto apenas como metáfora do pensamento humano, ou seja, os processos mentais que inspiraram a criação do termo e não o produto das leituras feitas.

Essa natureza apresentada para o hipertexto ajudou a levar o uso do termo para que ele fosse chamado de tipo de texto, porém vinculado ao ambiente dos computadores, pois

o texto de Marcuschi enfatiza que avanços da tecnologia permitem esse tipo de criação, assim como foi necessária a criação do MEMEX inicialmente para simular uma possibilidade de armazenamento de informações que a mente humana possui: nossa memória.

4.2 Seria importante desambiguar?

Uma vez que em sua origem o hipertexto seria essa metáfora que aparece diluída no uso do termo como tipo textual, talvez seja interessante pensar numa forma de preservar o sentido original de metáfora do pensamento sem precisar colocar em questão o seu uso como tipo textual vinculado ao ambiente digital.

Se surgir um novo uso para o hipertexto a partir de uma nova tecnologia que venha porventura a potencializar ainda mais o seu uso, será ainda mais importante promover um estudo que busque não apenas retomar o conceito inicial, mas também mostrar que, pelo viés do estudo de processos, o hipertexto como metáfora do pensamento possibilita pesquisas em áreas que não sejam necessariamente textuais, como é o caso deste estudo, que parte de noções de processos mentais de leitura abraçados pela Psicolinguística.

Reiteramos que acreditamos haver possibilidade de haver hipertexto em qualquer tipo de texto e leitura, e que essa é uma prerrogativa do ato de ler: decidir caminhos, se assim aprovar. Por essa linha de pensamento torna-se ainda mais interessante pensar no hipertexto a partir de um processo, e não somente do texto apresentado, pois ele somente materializado não apresentaria hipertexto em si, mas seria passível da ação hipertextual do leitor, que designaria caminhos à sua própria vontade, enquanto constrói seu hipertexto. A materialização do hipertexto seria o resultado das escolhas que o leitor fez durante a leitura.

5 UMA SUGESTÃO PARA A NOMENCLATURA

O uso do termo hipertexto parece ter entrado num caminho sem volta, ao denominar

um tipo textual, como foi aqui apresentado. Sua origem parece ainda residir como metáfora do pensamento, quando observamos as características apresentadas por Marcuschi (2006), por exemplo.

Uma das sugestões que apresento seria a utilização do termo “hipertexto primitivo”, pois consideramos importante o surgimento de um novo termo para designar o hipertexto como metáfora, isoladamente do termo usado como tipo de produção passível de ocorrência de processos executados pelo leitor a partir de seu roteiro não linear de leitura. Esta será provavelmente uma questão a ser melhor desenvolvida futuramente em uma pesquisa mais aprofundada, pois ao retomarmos o termo, pelo menos quem conhece sua origem, surgem ideias distintas que somente o contexto da leitura pode desambiguar.

Áreas como a informática já utilizam o termo hipertexto a partir do uso da sigla HTTP (*HyperText Transfer Protocol*) que designa troca ou transferência de hipertextos através de hiperlinks, mais uma vez aqui o uso do termo como um produto textual, ainda que seja ligado à programação em informática. (HTTP, [s.d.]).

6 CONCLUSÃO

Concluimos que parece haver dois tipos de hipertexto distintos. Um que designa a ação do leitor sobre o texto, sua liberdade de escolher os caminhos de leitura que desejar em qualquer ambiente de leitura; e outro tipo que seria aquele defendido por Xavier (2005), por exemplo, em que o hipertexto está condicionado ao ambiente digital das telas de computador, fazendo talvez uma alusão ao dispositivo MEMEX, que seria hoje o computador pessoal somado à ideia de Nelson e sua rede de informações que deram origem ao nome hipertexto.

Estudos mais específicos e mais precisos devem surgir à medida que o hipertexto for alvo de mais estudos, pois é fundamental que existam pesquisas nesse ambiente de leitura cada vez mais inserido no cotidiano das

pessoas, e que trouxe tantos benefícios quanto às possibilidades de imersão e navegação entre cada vez mais leituras conectadas.

REFERÊNCIAS

COSCARELLI, Carla Viana. Textos e hipertextos: procurando o equilíbrio. **Linguagem em (Dis)Curso**, Palhoça, v. 09, n. 03, p. 549-564, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v9n3/06.pdf>. Acesso em: 05 maio 2012.

HIPERTEXTO. **Wikipédia**. [s.d.]. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hipertexto>. Acesso em: 30 jun. 2013.

HTTP. **Wikipédia**. [s.d.]. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hipertexto>. Acesso em: 30 jun. 2013.

IZQUIERDO, Ivan; BEVIL AQUA; Lia R. M.; CAMMAROTA, Martín. A arte de esquecer. **Estudos Avançados**, [online], v. 20, n. 58, p. 289-96, 2006.

KOCH, Ingedore. Hipertexto e construção do sentido. **Alfa**, São Paulo, n. 51, p. 23-38, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linearização, Cognição e Referência: o Desafio do Hipertexto**. 2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/~fontes/ln2sem2006/17Marcus.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2013.

XAVIER, Antonio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: XAVIER, Antonio Carlos; MARCUSCHI, Luiz Antônio (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 170-180.